

TEMA LIVRE

Da hierarquia à igualdade?

Parcerias sexuais, estilizações de gênero e classes sociais entre homens com práticas homossexuais

Luís Felipe Rios¹

Resumo: O texto discute as articulações entre estilizações de gênero, posições sexuais, classes sociais e parcerias sexuais entre homens que fazem sexo com homens (HSH), por meio de inquérito comportamental, aplicado a 380 HSH da Região Metropolitana do Recife. A relação entre estilizações e posições tem significância estatística e atualiza o modelo hierárquico masculino/ativo (sexo anal insertivo) e feminino/passivo (sexo anal receptivo). Não obstante isso, 83,3% dos respondentes são versáteis (sexo anal insertivo e receptivo), o que abre mais possibilidades de parcerias sexuais prazerosas, desreguladas do modelo masculino/feminino. Há seis vezes mais rejeição pelos entrevistados à característica efeminado do que à característica másculo. Há predominância de desejo por parcerias simétricas (masculino/masculino e feminino/feminino), estatisticamente associadas à escolaridade. Em adição, o próprio desprestígio erótico dos homens femininos é impulsionador da simetria, sugerindo a existência de uma hierarquia de gênero na configuração da igualdade.

Palavras-chave: Homens. Homossexualidade. Estilizações de gênero. Posições sexuais. Classe social.

¹ Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco

*“U, u, u, é gostoso dar o cu.”
“O coito anal derruba o capital.”²*

Neste texto discutimos o modo como posições sexuais, estilizações corporais de gênero e classe social são articuladas para engendrar parcerias sexuais de homens que fazem sexo com homens (HSH) dos circuitos de homossociabilidade da região metropolitana do Recife (RMR).³

Os estudos no campo da prevenção do HIV/AIDS têm retomado a discussão sobre as posições dos HSHs no intercurso sexual anal desprotegido, uma vez que estas configuram diferenças estatisticamente significantes sobre as chances de se infectar pelo vírus (BEYRER et al., 2012; MENG et al., 2015). Fato que ensejou uma forma de prevenção ao HIV, alternativa ao prescrito pela saúde pública, denominada soroposicionamento, em que as posições sexuais são escolhidas em função das hierarquias de risco e da sorologia dos parceiros (THE GLOBAL FORUM ON MSM, 2013; DANGERFIELD et al., 2017; RIOS, PAIVA, BRIGNOL, 2019).

Neste âmbito, os/as pesquisadores/as de várias partes do mundo têm retomado a discussão sobre a generalização das posições sexuais, uma vez que interferem nas dinâmicas interacionais entre parceiros sexuais, incluindo a presença/ausência do sexo mais seguro (CARBALLO-DIÉGUEZ et al., 2004; HUSBANDS et al., 2013). Uma revisão de literatura de língua inglesa, realizada por Derek Dangerfield e colaboradores (2016), mostra que os homens que preferem sexo anal insertivo são denominados *tops*;

² Palavras de ordem gritadas em passeata ocorrida durante o 1º Encontro de Homossexuais Organizados do Nordeste, no Recife, em 1981. (MACRAE, 1982:111)

³ Expressamos nossos agradecimentos às professoras Vera Paiva, Sandra Brignol e Karla Galvão Adrião, que contribuíram para a análise dos resultados em diferentes momentos da pesquisa. Do mesmo modo, agradecemos à equipe de estudantes-pesquisadores que participaram da coleta de dados, muitos deles contando com bolsa de iniciação científica da UFPE/CNPq e FACEPE. Ainda na linha dos fomentos, destacamos a importância dos auxílios e bolsas de produtividade concedidas pelo CNPq, que permitiu a realização dos diferentes momentos da pesquisa (processos 405259/2012-3, 470088/2013-3, 305136/2014-3, 310468/2018-3).

sexo anal receptivo, *bottoms*; e sexo anal receptivo e insertivo, *versatiles*. As identidades sexuais também informam sobre dinâmicas de gênero nos relacionamentos sexuais e afetivos: *tops* são representados como mais masculinos e *bottoms*, como mais femininos, estereótipos mais enfatizados nas comunidades latinas. Tamanho do pênis, em associação com raça/etnia, também foram associados às identidades: negros foram representados como predominantemente *tops* e asiáticos como predominantemente *bottoms*. Os jovens tenderam a se identificar como *bottoms* e homens maduros identificaram-se mais como *tops*.

Gary Dowsett (2010) sugere que *top* e *bottom* derivam do vocabulário BDSM e têm, entre falantes de língua inglesa, tornado-se mais comuns nos últimos 20 anos que seus antecedentes *pitcher/catcher*, *active/passive*, *butch/bitch*. Ele também notou que, nos *sites* e *aplicativos* de busca de parceiros na internet, os modos de se referir às posições se alargaram para cinco categorias: *bottom*, *top*, *versatile*, *versatile top* e *versatilebottom*. As duas últimas categorias também foram encontradas em muitos dos estudos analisados por Dangerfield et al (2016) e no Brasil (RIOS, 2018; RIOS, PAIVA, BRIGNOL, 2109; RIOS et al., 2019a).

Em nosso país, a discussão sobre o gênero e as posições sexuais dos HSHs está em tela desde estudos científicos iniciais (LANDES, 2002 [1947]; GUIMARÃES, 2004[1977]; FRY, 1982; MACRAE, 1982 e 2018[1990]). Peter Fry (1982) foi um dos primeiros a produzir uma teorização consistente sobre o assunto, em que articulou representações sobre as homossexualidades com classe e o processo de modernização do país. Ele destacou a existência de um modelo assimétrico ou hierárquico de parcerias, predominante nas “classes baixas” e no interior do país, que alinha identidades sexuais (relacionadas às posições sexuais dos parceiros) e identidades de gênero: o “passivo”, efeminado, comumente nomeada “bicha”, relacionar-se-ia sexualmente com o “ativo”, masculino, concebido como “homem mesmo”. Coexistiria, com este, outro modelo, originado nas classes médias das grandes metrópoles, advindo

do processo de modernização do país (uso do discurso médico para a explicação das sexualidades), em que haveria uma lógica simétrica ou igualitária: as parcerias independeriam das posições sexuais e ambos os envolvidos seriam concebidos como “entendidos” ou homossexuais.

É claro que as áreas onde esses modelos encontram uma expressão total são raras e que na maior parte da população brasileira os dois modelos coexistem (...) [e] podem ser invocados situacionalmente pelo mesmo ator social. (...) toda a evidência sugere que a tendência é o modelo hierárquico ceder gradualmente ao modelo igualitário já que este último conta como principais protagonistas, não somente a ciência médica e a psicoterápica, como também as camadas mais poderosas da sociedade (FRY, 1982:105).

Os dois modos de articular gênero e posições sexuais vêm sendo constatados em pesquisas etnográficas mais recentes sobre segmentos homossexuais das metrópoles brasileiras (PARKER 2002; RIOS, 2008; BRAZ, 2010; MONTEIRO et al, 2010; SIMÕES, FRANÇA, MACEDO, 2010; OLIVEIRA, 2013; MITCHELL, 2016).

Embora o avanço da epidemia do HIV entre os homens com práticas homossexuais tenha levado à produção de muitos inquéritos sobre o comportamento sexual de HSH no Brasil, apenas as posições sexuais dos sujeitos têm sido abordadas (RAXACH et al, 2007; BRIGNOL et al, 2015; KERR et al, 2018). À exceção das produções relacionadas ao projeto que deu origem a este texto (RIOS et al., 2018, RIOS, PAIVA, BRIGNOL, 2019), há uma carência de pesquisas de conhecimentos, atitudes e práticas (PCAPs) que considerem as categorizações de estilização de gênero dos homens como uma variável. Neste artigo, abordamos essas categorias na interface com outros marcadores, como posição sexual, configurações de estilizações de gênero rejeitadas/desejadas sexualmente e indicadores de classe social.

A pesquisa é embasada em abordagens teóricas feministas e *queers* que buscam compreender os construtos que emergem nos circuitos de homosociabilidade, na interface com os regimes de sexo-gênero e sexualidade que regulam a sociedade

abrangente. A antropóloga Gayle Rubin(1975) mostra que em muitas sociedades mais tolerantes às homossexualidades os casais de mesmo sexo tenderiam a performar a dicotomia de gênero. Ela formulou o conceito “sistema de sexo-gênero” como uma ferramenta para refletir sobre o modo como as sociedades constituem a reprodução social e biológica, por meio de categorizações que constituem diferenças e complementaridades entre os seres sexuados – produzindo e reiterando desigualdades e opressões do masculino sobre feminino. A autora ressalta a centralidade do tabu da homossexualidade para a operação do sistema de sexo-gênero, de modo a garantir a reprodução biológica, e sugere a tolerância às performances masculino/feminino, acima apontadas, como uma forma de manter a plausibilidade do sistema, mesmo quando indivíduos e casais se desregulam da orientação sexual esperada para o sexo/gênero assignado ao nascimento.

Em texto posterior, a autora destaca a importância de não subsumir o sistema de sexualidade ao de sexo-gênero, insistindo em abordar as suas especificidades – por exemplo, hierarquias em que o sexo reprodutivo, monogâmico, consentido, “baunilha”⁴ seria requisito para a boa sexualidade e tudo o que se afaste disso seria considerado anormalidade, imoralidade, crime, perversão. Não obstante, Rubin (1998) sugere que se observem as interferências do sistema de sexo-gênero no de sexualidade e vise versa. Trazendo para o que nos interessa, por exemplo, cabe investigar os modos como as categorias de gênero sinalizam posições no sexo, conforme discutido na literatura acima apresentada.

Nesse caminho, estilizações de gênero e posições sexuais, além de concorrerem para a produção de parcerias sexuais entre os HSHs, também produzem estigmatizações que se atualizam em discriminação e violência e remetem a discursos de verdade, em que sexualidade deveria estar a serviço da reprodução para o bem das

⁴ Em geral concebido como o oposto do BDSM, pode, mais amplamente, ser compreendido como as práticas sexuais mais convencionais e socialmente aceitas, sem adição de brinquedos ou fetiches.

sociedades (RIOS et al., 2018). Lauren Berlant e Michael Warner (1998) sublinham que as *reprosexualidades* são articuladas em *repronarrativas* que vão além de hierarquizar, proibir e punir a homossexualidade. Enfocando o caráter produtivo dos dispositivos de poder foucaulteanos, eles propõem o conceito de heteronormatividade como

institutions, structures of understanding, and practical orientations that make heterosexuality seem not only coherent (...) but also privileged. (...) It consists less of norms that could be summarized as a body of doctrine than of a sense of rightness produced in contradictory manifestations – often unconscious, immanent to practice or to institutions. Contexts that have little visible relation to sex practice, such as life narrative and generational identity, can be heteronormative in this sense, while in other contexts forms of sex between men and women might not be heteronormative (BERLANT, WARNER, 1998:548).

Para operacionalizar a investigação, inspiramo-nos em Judith Butler (2003) e utilizemos a noção de estilização corporal. Esta é definida como composição social, resultado estético e de expressividade do agenciamento de elementos corporais (constituição física, gestual, vestuário etc.). No caso do sistema de sexo-gênero, dizem de configurações que são categorizadas e possuem efeitos de enunciações de identidades. Quando alguém é adscrito a uma estilização, há a produção de sentidos (significados, valores, emoções, sentimentos e direcionamentos) que medeiam a construção de si e a apreensão dos/pelos outros (RIOS et al., 2019a, 2020).

Metodologia

Os resultados aqui discutidos são frutos de pesquisa etnográfica sobre vulnerabilidade de HSHs ao HIV/AIDS, em andamento na RMR, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco. Iniciada em 2013, ela possui seis fases, apresentadas no quadro 1. Para efeitos deste artigo, focaremos na análise descritiva de questionários respondidos em inquérito comportamental (2016-2017).

Quadro 1: Fases da coleta de dados

Fase	Período	Atividade
1	2013 - 2016	Observação participante em lugares de homossociabilidade da RMR
2	2015	Entrevista com enfoque biográfico 25 HSHs
3	2016 - 2017	Inquérito comportamental 380 HSHs
4	2016	Entrevista temática 24 HSHs participantes do inquérito
5	2019 - 2021	Observação participante em lugares de homossociabilidade da RMR, em andamento
6	2019 - 2021	Entrevista com enfoque biográfico 40 HSHs, em andamento

Fonte: Elaboração própria.

O inquérito, do tipo corte transversal, investigou o perfil sociodemográfico, conhecimentos, atitudes e práticas sobre sexualidade e saúde sexual. Participaram HSHs com idades variando entre 18 e 51 anos. Ele foi aplicado por estudantes de graduação do sexo masculino. A seleção da amostra utilizou a técnica da referência em cadeia (VALENTE, 2010), em que os participantes indicam outros para colaborarem com a pesquisa. Visando ampliar a heterogeneidade de marcações sociais da amostra, esta foi iniciada por meio de entrevistas a residentes em seis dos 15 municípios que compunham a RMR na ocasião da aplicação do questionário, os quais figuravam entre os dez com maiores taxas de detecção para a AIDS do Nordeste (BRASIL, 2013), compondo 10 redes com um total de 380 respondentes.

A análise estatística das respostas aos questionários utilizou o programa PSPP (2018) e considerou como fatores de interesse: estilização corporal, posição sexual, rejeição sexual (considerando apenas as características de estilo corporal) e classe (situação laboral, renda e escolaridade), apresentados no quadro 2. Foi realizada análise bivariada, em que as associações entre as variáveis categóricas do estudo foram testadas

pelo Teste Qui-quadrado, a um nível de significância de 0,05. Vale tecer alguns comentários sobre a produção das questões, que tiveram como inspiração PCAPs anteriores (PASCUM, ARRUDA, SIMÃO, 2011; RAXACH et al, 2007) e análises dos dados produzidos nas fases 1 e 2 da pesquisa em tela (RIOS et al, 2019a; 2019b).

Quadro 2: Resumo dos fatores e questões analisados

Conceito	Questão	Alternativas
Estilização corporal	Em relação ao seu modo de ser e se expressar, como você se percebe?	1. Efeminado, 2. másculo, 3. Não sabe 99. Não quero responder.
Posição sexual	Do ponto de vista das práticas sexuais, você se considera?	1. Exclusivamente ativos (ExAt), 2. Versáteis, mais ativos (VeAt), 3. Versáteis (Vers), 4. Versáteis, mais passivos (VePa), 5. Exclusivamente passivos (ExPa), 99. Não quero responder.
Rejeição	Eu vou falar algumas características e gostaria de saber se elas são motivo para você NÃO estabelecer uma parceria casual – ficar, rolo, pegar etc. – com uma pessoa... (múltipla alternativa de resposta)	1. Negra, morena ou mulata; 2. Branca, 3. Uma pessoa dez, ou mais anos, mais velha, 4. Uma pessoa dez, ou mais anos, mais nova, 5. Com uma situação financeira melhor; 6. Com uma situação financeira inferior, 7. máscula, 8. Efeminada, 9. ExAt; 10. ExPa, 11. Vers, 12. Declaradamente soropositiva para o HIV, 13. Travesti, 14. Transexual, 15. Nenhuma das características citadas é um impedimento, 16. Não quero responder.
Classe	Qual a renda média mensal familiar?	Questão aberta.
	Quantas pessoas são dependentes da renda de sua família?	Questão aberta.
	Até que série completa você estudou?	1. Analfabeto; 2. Sabe ler e escrever sem ter ido à escola; 3. 1º. Ao 5º. ano do ensino fundamental I (alfabetização à 4ª. série); 4. 6º. Ao 5º. Ano do ensino fundamental II (5ª. à 7ª. série); 5. Ensino fundamental completo; 6. 1º. Ou 2º. Série do ensino médio; 7. Ensino médio completo; 8. Nível técnico incompleto; 9. Nível técnico completo; 10. Superior incompleto; 11. Superior completo; 12. Pós-graduação; 99. Não quero responder.
	Qual a sua situação de trabalho atual?	1. Servidor público; 2. Empregado com carteira de trabalho; 3. Empregado sem carteira de trabalho; 4. Trabalha por conta própria e não tem empregados; 5. Empregador; 6. Não trabalha atualmente; 99. Não quero responder.
	Qual a principal razão de você não estar trabalhando?	1. Dono de casa/cuidando da família; 2. Procurou, mas não conseguiu encontrar trabalho; 3. Trabalhos não remunerados; 4. Estudos/treinamento/estágio; 5. Aposentado/incapacitado para o trabalho; 6. Doença; 7. Outros; 99. Não quero responder.

Fonte: Elaboração própria.

Estilização corporal. Nas redes de homosociabilidade da RMR, uma infinidade de termos são utilizados para nomear as categorias de gênero dos HSHs. Os mais utilizados são “pintosa”, “boy” e “cafuçu”. O termo pintosa tem a ver com o fato de alguém dar muita “pinta”, ou seja, assinalar, por meio de características que configuram feminilidade, que é *gay*. Do ponto de vista das representações que articulam estilização/posição sexual, as pintosas são consideradas passivas. *Boys* e *cafuços* configuram masculinidade hegemônica, ambos são percebidos como ativos. A diferença entre as duas categorias é demarcada por atributos de classe, raça e identidade sexual. O termo *cafuçu* é usado para se referir a homens “brutos”, pobres, pouco escolarizados e negros, que não se consideram homossexuais e fazem sexo com homens por troca de favores ou bens (RIOS et al., 2019a).

Frente ao modelo dicotômico que espontaneamente emergiu nas narrativas, criamos uma questão que pudesse captar o modo como os respondentes se autoclassificam em relação ao jeito de ser e de se expressar (estilização corporal), e que também permitisse que a divergência se expressasse. Utilizamos termos que pudessem ir além das nomeações usuais dentro das comunidades *gay* (bicha, bofe, frango, pintosa, urso etc.) e optamos por efeminado e másculo, acrescentando a alternativa “não sei”.

A categoria “não sei” se mostrou relevante em análise sobre violência, discriminação e sofrimento psíquico (RIOS et al., 2018). As observações sobre comentários na ocasião da aplicação dos questionários e as narrativas das entrevistas permitiram interpretar que a categoria “não sei” deu contorno a opiniões das pessoas que conseguem configurar ambas as estilizações, a depender das circunstâncias; e/ou a alguém que “de longe” performatiza masculinidade por atributos gestuais e de vestimenta, muito embora, em interações face a face, outros atributos pudessem reconfigurar a classificação de gênero realizada por terceiros. Em adição, os que responderam “não sei” são aqueles que mais relataram sofrimento psíquico, apontando os custos subjetivos para escapar da violência e da discriminação por meio da

manipulação dos modos de se expressarem publicamente para alcançar o que denominam descrição – dinâmica que atualiza a epistemologia do armário, como descrita por Eve Sedgwick (2007).

Posição sexual. Nas entrevistas biográficas, a depender do contexto interacional narrado, as posições sexuais assumiram o caráter de prática em uma interação específica ou preferência para obtenção do prazer sexual. Vale dizer que espontaneamente surgiram modos de categorização que se distanciavam de uma perspectiva dicotômica, exclusivamente ativo (ExAt) e exclusivamente passivo (ExPa), em que a categoria versátil nomeava pessoas que estavam disponíveis para realizar as duas posições sexuais. A versatilidade, muitas vezes, surgia re-hibridizada, o que sinalizava uma abertura para as duas posições, mas também uma preferência na obtenção do prazer sexual: versátil mais ativo (VerAt) e versátil mais passivo (VerPa) (RIOS et al., 2019a).

Rejeição/Desejo. Observamos que *boys* e pintosas desejavam relacionar-se com homens masculinos (RIOS et al., 2019a). Intrigados sobre o fenômeno, que de certo modo quebrava com a reciprocidade que o sistema de sexo-gênero deveria engendrar, realizamos uma segunda análise no banco de dados e identificamos a figura do cafuçu como o estilo de homem desejado pelas pintosas, especialmente as mais pobres. Para produzir o indicador de desejo, construímos a questão sobre características que poderiam ser motivo para não se relacionar com alguém como parceiro casual. Uma questão de múltiplas alternativas de respostas que foi desagregada e dicotomizada (“sim” ou “não”). Para este artigo, trabalhamos apenas a rejeição às características másculo e efeminado.

Classe Social. Talvez um dos maiores desafios para pesquisas sociais seja criar indicadores para classe social, uma vez que essa é uma categoria multidimensional. Classicamente, ela remete à divisão do trabalho e estratificação social, com implicações de renda, mas também remete a *ethos*. Teoricamente, haveria uma tendência do *ethos*

acompanhar os estratos de trabalho/renda da sociedade, também correlacionado a níveis de escolaridade (BARATA et al, 2013). Muito da discussão sobre mobilidade social localiza renda e o acesso a bens de consumo à educação formal – potencializadora de melhores postos de trabalho, renda e condições de vida (RIBEIRO, 2012). Essa compreensão ensejou uma variedade de políticas públicas de educação, nos anos em que o Brasil foi governado por presidentes de esquerda (PEREIRA, SILVA, 2010). Assim, tomamos como indicadores de classe:

- a) *Renda familiar per capita* – calculada pela divisão da renda familiar e o número de dependentes desta renda. Considerando que o salário mínimo, na época, era R\$ 800,00 (oitocentos reais), os respondentes foram classificados em três faixas de renda: faixa E (até dois salários mínimos); faixa D (entre dois e quatro salários); faixa CB (entre quatro e dez salários). Sobre esse indicador, vale mencionar a grande quantidade de recusa a respondê-lo, o que certamente impactou análises e resultados.
- b) *Escolaridade* – os dados sobre escolaridade foram agregados em três categorias: Fundamental (analfabeto; sabe ler e escrever sem ter ido à escola; 1º ao 5º ano do ensino fundamental; 6º ao 9º ano do ensino fundamental; ensino fundamental completo; 1ª ou 2ª série do ensino médio; nível técnico incompleto), Médio (ensino médio completo; nível técnico completo) e Superior (superior incompleto; superior completo; pós-graduação).
- c) *Situação laboral* – os dados foram agregados em quatro categorias: Celetistas e estatutários (servidor público; empregado com carteira de trabalho); Sem direitos trabalhistas (empregado sem carteira de trabalho); Autônomos e Empregadores (trabalha por conta própria e não tem empregados; empregador); Não estavam trabalhando (não trabalha atualmente).

- d) *Razão de não estar trabalhando*– agregado em três categorias: Não encontrou (procurou, mas não conseguiu encontrar trabalho); Estudo e Estágio (estudos/treinamento/estágio); Outro (dono de casa/cuidando da família; trabalhos não remunerados; aposentado/incapacitado para o trabalho; doença; outros).

Resultados

O perfil sociodemográfico dos participantes do inquérito (Tabela 1) mostra que a maior parte dos respondentes foi composta por negros (65,5%), com idade média de 24 anos, predominando a faixa de idade entre 21 e 30 anos (63,2%). A maior parte não estava trabalhando (46,7%), e 26,4% eram celetistas ou estatutários. Estudar ou estagiar (71,6%) foram as principais razões para não trabalhar. No que se refere à escolaridade, 67,7% tinham o curso superior (completo ou incompleto). A renda média *per capita* foi de 1,7 salários mínimos, sendo que 76,8% tinham a renda familiar per capita de até dois salários mínimos (faixa E). Em relação ao modo de ser e de se expressar, 44,8% declararam não saber se classificar. A maioria se autot classificou Versátil (43,5%) e poucos ExPa (8%) e ExAt (8,5%).

Verificamos uma associação estatística entre a posição sexual e o estilo corporal ($p < 0,001$) (Tabela 2). Observamos maior percentual de homens másculos Vers (44,3%), seguidos dos VeAt (22,7%) e dos ExAt (15,9%). Há maior percentual de homens efeminados VePa (37,5%), seguidos dos Vers (36,7%) e dos ExPa (15,8%). Já na categoria “não sei”, há maior porcentagem para todas as categorias de versáteis: Vers (48,2%), VeAt (22,0%) e VePa (16,5%). Juntando as três categorias de versáteis, temos 83,3% dos respondentes. Quando agregamos os másculos ExPa e versáteis, observamos que uma grande proporção de homens másculos (84,1%) está aberta para a passividade

sexual; do mesmo modo juntado efeminados ExAt e versáteis (84,2%), o que sinaliza a recorrente prática do sexo anal insertivo entre os últimos.

Os participantes do inquérito foram solicitados a dizer quais características considerariam motivo para “não” estabelecer parceria casual com uma pessoa, dentre elas as características de estilização corporal. Tomamos a rejeição como indicador de negativa de desejo sexual. A característica efeminado foi a mais rejeitada (32,1%) e a másculo foi a menos rejeitada (5,3%), como mostra a tabela 1.

Tabela 1: Perfil sociodemográfico dos participantes do inquérito

Marcador	n	%	Marcador	n	%
Raça			Faixas de renda		
Branca	95	25,2	E	195	76,8
Negra	247	65,5	D	36	14,2
Outra	35	9,28	CB	23	9,0
Total	377	100,0	Total	254	100,0
Faixas de idade			Estilização de gênero		
18-20	102	26,8	M másculo	88	23,3
21-30	240	63,2	Efeminado	120	31,8
Acima de 31	38	10,0	Não sei	169	44,8
Total	380	100,0	Total	377	100,0
Escolaridade			Posição sexual		
Fundamental	40	10,5	ExP	30	8,00
Médio	94	24,7	VerP	85	22,7
Superior	246	67,7	Ver	163	43,5
Total	380	100,0	VerA	65	17,3
Situação laboral			ExA	32	8,5
Celetistas e estatutários	100	26,4	Total	375	100,0
Sem direitos	78	20,6	Rejeição a másculos		
Autonomos e empregadores	24	6,3	Sim	20	5,3
Não estavam trabalhando	177	46,7	Não	360	94,7
Total	379	100,0	Total	380	100,0
Razão para o não trabalho			Rejeição a efeminados		
Não encontrou	36	20,4	Sim	122	32,1
Estudo e estágio	126	71,6	Não	258	67,9
Outro	14	8,0	Total	380	100,0
Total	176	100,0			

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2: Posição sexual dos respondentes de acordo com os estilos corporais

Estilo corporal	Posição sexual											
	ExPa		VePa		Vers		VeAt		ExAt		Total	
	N	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Másculo	3	3,4	12	13,6	39	44,3	20	22,7	14	15,9	88	100,0
Efeminado	19	15,8	45	37,5	44	36,7	8	6,7	4	3,3	120	100,0
Não sei	8	4,9	27	16,5	79	48,2	36	22,0	14	8,5	164	100,0
Total	30	8,1	84	22,6	162	43,5	64	17,2	32	8,6	370	100,0

p < 0,001

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3: Análise bivariada dos fatores associados a rejeição de categorias de estilização de gênero

Fatores de interesse	Rejeição										P
	Másculo				Efeminado				P		
	Não		Sim		Não		Sim				
	n	%	n	%	n	%	n	%			
Idade											< 0,001
18-20	97	95,1	5	4,9	0,701	76	74,5	26	25,5		
21-30	226	94,2	14	5,8		173	72,1	67	27,9		
Acima de 31	37	97,4	1	2,6		9	25,8	29	77,5		
Raça					0,766						0,005
Branca	89	93,7	6	6,3		77	81,0	18	18,9		
Negra	236	95,5	11	4,5		157	63,6	90	36,4		
Outra	33	94,3	2	5,7		21	60,0	14	40,0		
Estilização de gênero					0,977						< 0,001
Másculo	83	94,3	5	5,7		42	47,7	46	52,3		
Efeminado	114	95,0	6	5,0		94	78,3	26	21,7		
Não sei	160	94,7	9	5,3		120	71,0	49	29,0		
Posição sexual					0,583						0,001
ExPas	29	96,7	1	3,3		14	46,7	16	53,3		
VerPas	82	96,5	3	3,5		48	56,5	37	43,5		
Ver	155	95,1	8	4,9		126	77,3	37	22,7		
VerAt	59	90,8	6	9,2		46	70,8	19	29,2		
ExAt	30	93,8	2	6,2		21	65,6	11	34,4		
Faixa de renda per capita					0,816*						0,010
E	183	93,9	12	6,1		119	61,0	76	39,0		
D	33	91,7	3	8,3		26	72,2	10	27,8		
CB	22	95,7	1	4,3		21	91,3	2	8,7		
Escolaridade					0,003*						< 0,001
Fundamental	35	87,5	5	12,5		15	37,5	25	62,5		
Médio	85	90,4	9	9,6		48	51,1	46	48,9		
Superior	240	97,6	6	2,4		195	79,3	51	20,7		
Acesso à universidade					0,001**						< 0,001
Não	120	89,6	14	10,4		63	47,0	71	53,0		

Sim	240	97,6	6	2,4		195	79,3	51	20,7	
Situação laboral					0,923*					< 0,001
Celetistas e estatutários	95	95,0	5	5,0		50	50,0	50	50,0	
Sem direitos	74	94,9	4	5,1		59	75,6	19	24,4	
Autônomos	22	91,7	2	8,3		13	54,2	11	45,8	
Sem trabalho	168	94,9	9	5,1		135	76,3	42	23,7	
Razão para não trabalhar					0,664*					0,013
Não encontrou	34	94,4	2	5,6		21	58,3	15	41,7	
Estudo/Estágio	119	94,4	7	5,6		103	81,8	23	18,2	
Outro	14	100,0	0	0,0		10	71,4	4	28,6	

* Não cumpriu os requisitos exigidos para o teste qui-quadrado. ** Exato de Fisher.

Fonte: Elaboração própria.

Quando observamos o modo como se desenha a rejeição em relação às variáveis categóricas utilizadas, notamos que, no caso da rejeição à característica másculo, esta apresentou associação estatística apenas com escolaridade. Numa primeira análise, usando as três categorias (superior, médio, fundamental), embora os resultados sugerissem uma associação, a distribuição não cumpria os requisitos para a realização do teste qui-quadrado e o software utilizado apenas executa o teste Exato de Fisher para tabelas do tipo 2 x 2. Os dados foram então agregados em duas categorias, os que tiveram acesso à universidade e aqueles que não tiveram, e procedeu-se o Exato de Fisher. Neste caso, a associação estatística se mostrou significativa e o percentual de rejeição à característica másculo por homens que não tiveram acesso à universidade (10,4%) foi maior do que para aqueles que tiveram acesso ao ensino superior (2,4%) (Tabela 3).

Já no que se refere à característica efeminado, esta apresenta uma associação estatisticamente significativa com todas as variáveis categóricas utilizadas. Os homens mais jovens (25,5%), brancos (18,9%), efeminados (21,7%) e versáteis (22,7%) são os que menos rejeitam a característica efeminado. Ainda sobre as posições sexuais, versáteis ativos (29,2%) e exclusivamente ativos (34,4%) rejeitam menos a característica efeminado do que versáteis passivos (53,3%) e exclusivamente passivos (43,5%) (Tabela 3).

Também sobre a característica efeminado, chama a atenção a diferença de rejeição entre pessoas com ensino superior (20,7%) e pessoas com ensino fundamental (62,5%). A rejeição dos sem trabalho figurou na ordem de 23,7%, sendo que aqueles que não trabalhavam por estar estudando ou estagiando foram os que menos rejeitaram (18,2%). Na faixa de renda CB, há menores percentuais de rejeição (8,7%) à característica efeminado do que nas faixas D (27,8%) e E (39,0%) (Tabela 3).

Das estilizações corporais aos prazeres sexuais

Os resultados apontam para uma associação estatística entre os estilos corporais e as posições sexuais. Os homens efeminados tenderam para a passividade sexual e os másculos para a atividade, considerando aqui as categorias VerPa e VerAt (Tabela 2). Nesse contexto, é especialmente eloquente a associação estatística entre posição sexual e rejeição à característica efeminado (tabela 3), onde os ExPa e VerPa rejeitam mais essa característica do que os ExAt e VerAt. Na medida em que feminilidade seria um índice de passividade sexual, os homens que preferem ser insertivos no sexo anal rejeitariam menos os homens efeminados. Estes são resultados que apontam para uma recorrência das representações de gênero que associam passividade/feminilidade e atividade/masculinidade (RUBIN, 1975; FRY, 1982).

No entanto, o grande contingente de homens versáteis sugere a necessidade de aprofundar a discussão. Embora nos estudos mais antigos haja referências a sexo anal receptivo e insertivo realizados por uma mesma pessoa – fenômeno que Fry (1982) vai associar à igualdade e denominar “troca troca” (cf. também MACRAE, 1982 e 2018; PARKER, 1991 e 2002 e RIOS, 2008) –, só mais recentemente o termo *versátil* passou a figurar, nos estudos realizados no Brasil, como nomeador das posições sexuais (SOUZA NETO, RIOS, 2015; RIOS, 2019a; RIOS, PAIVA, BRIGNOL, 2019).

Pesquisadores de várias partes do mundo têm sublinhado essa nova identidade sexual que amplia as categorias do modelo dicotômico mais tradicional (CARBALLO-DIÉGUEZ et al, 2004; HUSBANDS et al, 2013; DANGERFIELD et al, 2017). Dowsett (2010) relaciona a difusão da categoria versátil, versátil-mais-ativo e versátil-mais-passivo aos descritores ofertados para os homens produzirem perfis em *sites* de busca de parceiros na internet.⁵ No entanto, também chama atenção para os inquéritos comportamentais entre HSHs, relacionados à epidemia do HIV, como responsáveis por revelar que as posições sexuais realizadas pelos HSHs nem sempre correspondem às identidades sexuais.

Alex Carballo-Diéguez e colaboradores (2004) também identificam esse tipo de flexibilização entre homens latinos *gays* e bissexuais de New York (EUA). Observaram que homens versáteis optam pela atividade e passividade em função da altura, cor da pele, gestualidade, entre outras características da aparência dos parceiros, na configuração de feminilidade e masculinidade. Winston Husbands et al. (2013) observaram que uma grande proporção de homens *gays* negros, em Toronto, relataram ser *bottom* ou versáteis com outros homens negros e *top* com homens brancos ou de outras etnias, como uma forma de resistência à opressão racial.

João e outros participantes de estudo etnográfico realizado no Rio de Janeiro apontam como, ao longo da vida, as posições sexuais mudam. Ele, que iniciou sua vida sexual sendo exclusivamente ativo, vendo o prazer dos seus parceiros na passividade, resolveu experimentar, e, na ocasião da entrevista, dizia fazer as duas posições (RIOS, 2008). Paulo, profissional do sexo atuante na comunidade *gay* da RMR, relatou ser ativo, mas a depender do valor do programa, podia se deixar penetrar pelos clientes (SOUZA NETO, RIOS, 2015). Bacante, jovem de 18 anos, pintosa, que se

⁵ Vale mencionar que muitos dos sites e aplicativos de busca de parceiros, existentes em língua portuguesa, são de origem estrangeira, possuindo versões em várias línguas, e poderiam ser um dos modos pelos quais a nova categorização se espalhou pelo mundo e pelo Brasil (RIOS, 2018).

autoidentifica como passiva, explica que, em contextos de parcerias fixas, muitas vezes é preciso abrir mão da posição preferida para fazer as vontades do parceiro:

Eu sou passiva, mas meto bala. É não. Eu sou passiva, mas eu já fui sim ativo, mas não é minha preferência, eu não gosto. [De ser ativo?] E eu não sinto a necessidade também de ser ativo. Eu prefiro muito, muito, muito mesmo ser passiva. E eu sempre sou passiva. Agora, claro que tiveram relações que alguns namorados pediram. Eles até diziam que tinham fetiche de saber como seria eu, Bacante, ativo. E, claro, como a gente tá numa relação, eu não vejo problema nenhum nisso. E eu já fui, mas não é minha preferência. Eu prefiro ser sempre passivo (RIOS et al., 2019a:978).

As identidades sexuais e de gênero, associadas às posições sexuais, indicam preferências e não práticas que efetivamente se realizam em contextos específicos (RIOS, PAIVA, BRIGNOL, 2019). Em adição, na privacidade da cena sexual, nos improvisos da coreografia do sexo (DOWSETT, 2010), a fluidez dos *scripts* que o sujeito encena com o(s) parceiro(s) pode borrar os atributos pessoais utilizados para iniciar os encontros sexuais. Nesse momento, pode acontecer a constatação de que os índices de gênero nem sempre correspondem às posições sexuais desejáveis, por exemplo, quando homens femininos-exclusivamente-ativos e homens masculinos-exclusivamente-passivos são requeridos para “dançar” em diferentes posições sexuais e se negam à versatilidade – casos raros, considerando as redes de homens estudadas.

Sugerimos que a reiteração performativa de masculinidades e feminilidades entre os HSHs e o alinhamento representacional dos desejos e práticas sexuais ao par masculino/feminino permite manter a plausibilidade pública do sistema, mesmo quando as experiências sexuais privadas divergem do esperado (BUTLER, 2003). Se considerarmos que 91,5% dos entrevistados estão abertos ao sexo anal receptivo, do ponto de vista prático, a desregulação de sexualidade em relação ao gênero é muito maior do que informam os alinhamentos representacionais expressos no *p* estatístico e do que a versatilidade sexual contribui para reiterar.

Formando os casais: o sistema de sexo-gênero e seus deslocamentos

Nossos resultados sugerem que, nas redes investigadas, o predomínio da versatilidade abre mais possibilidades de parcerias sexuais do que o modelo dicotômico ativo/passivo. A versatilidade desestabiliza o modo como as representações do sistema de sexo-gênero (masculinidade/atividade e feminilidade/passividade) são utilizadas para pensar e organizar as sexualidades (RIOS, PAIVA, BRIGNOL, 2019).

Em adição, outros caminhos se abrem quando colocamos em perspectiva a desejabilidade que as estilizações corporais engendram. Nas narrativas biográficas, *boys* e *pintosas* valorizavam atributos de masculinidade como mobilizador de desejo sexual (RIOS et al., 2019a). Do mesmo modo, nos resultados do inquérito, há grande diferença percentual entre negativas de desejo em relação aos homens másculos e efeminados, o que permite afirmar que a masculinidade é um atributo de atrativo sexual altamente valorizado nas redes estudadas, inclusive pelos homens másculos. Ao seu turno, a característica efeminado figura como um importante fator de desprestígio erótico.

Na linha de investigar as determinações de classe social nas parcerias sexuais entre homens, usamos três indicadores para aprofundar a análise. Em todas as faixas de renda, situação laboral e escolaridade, a característica másculo é a menos rejeitada para o estabelecimento de parcerias (tabela 3). Ainda assim, foi possível identificar uma associação estatística entre escolaridade e rejeição à característica másculo. A rejeição é maior entre homens que não tiveram acesso à universidade. Poderíamos nos perguntar se esse dado não apontaria para a presença de *cafuços* na amostra, parceiros privilegiados das *pintosas*, especialmente as mais pobres. Homens descritos como de menor escolarização, mais rudes, negros e pobres, não *gay*-identificados, ativos, que interagem socialmente com as *pintosas* em suas redes de convívios de vizinhança ou de trabalho, e que fazem sexo com homens em troca de pequenos favores ou ajuda

financeira (RIOS et al., 2019a).⁶ A dinâmica de configuração de parcerias pintosa/cafuçu, que joga com classe/renda, racialização e desejo, também foi encontrada entre trabalhadores sexuais do Rio de Janeiro, Manaus e Salvador (MITCHELL, 2016), maridos de travestis em Salvador (KULICK, 1998). Isadora França (2013) menciona arranjos envolvendo cafuçus e gays de classe média e classe média alta nos contextos paulista erecifense.⁷

Foi notório o efeito da escolarização na flexibilização no desejo. Embora a feminilidade tenha sido a característica mais rejeitada, é possível observar uma menor rejeição por homens também efeminados e, especialmente, por aqueles mais escolarizados. Nível de escolaridade que, ressalte-se, parece ter enviesado outros indicadores a ele correlacionados, como idade, faixa de renda, situação laboral e motivo para não estar trabalhando. Os que menos rejeitaram a característica efeminado foram os homens mais jovens, de maior faixa de renda, sem trabalho, por estarem estudando ou estagiando.

Para Fry (1982), a construção da igualdade, cujos índices seriam a normalização de casais simétricos em termos de estilização de gênero e onde a posição sexual não importaria na definição de identidade sexual, estaria relacionada ao processo de modernização do país e se ampliaria ao longo dos anos, uma vez que estaria

⁶ Os cafuçus não entraram o tanto como gostaríamos na amostra do inquérito. Conforme Dangerfield et al. (2017), os homens que fazem sexo com homens e mulheres são arredios à participação em pesquisas. O uso da amostragem por referência em cadeia, no inquérito, objetivou o deslocamento das porções mais visíveis da comunidade *gay*, incorporando na pesquisa HSHs que pudessem não frequentar os espaços homófilos mais conhecidos, como bares, boates e saunas *gays*. Nossas redes puderam prosperar por bairros mais pobres da RMR, onde ensaios de frevo, de samba e de quadrilha junina, a social na casa de amigos, a frequentação em praças, igrejas e terreiros de candomblé e umbanda surgiam como os principais espaços de homosociabilidade. No entanto, foi observada uma maior autocensura dos entrevistados em indicarem homens não *gay*-identificados. Era comum os respondentes lembrarem de alguém que tinham práticas homossexuais, mas justificarem em voz alta não os indicar por que eles poderiam não gostar – por não serem “assumidos” e/ou por se considerarem heterossexuais. Também houve um grande número de recusa, o que, em parte, pode ser creditado aos mesmos fatores.

⁷ Vale mencionar que na pesquisa de França (2013), tanto quanto na de Epitácio Souza Neto e Luís Felipe Rios (2015) sobre as transações entre garotos de programas e seus clientes, os termos *boy* e cafuçus aparecem como intercambiáveis. Neste último caso, observamos que os garotos de programa se referiam a si mesmos como *boys*, talvez por causa de um certo tom estigmatizante que cafuçus carrega.

capitaneada por importantes forças sociais, no processo de dizer a verdade sobre a (homos)sexualidade: “a ciência médica e psicoterápica, como também com as camadas mais poderosas da sociedade” e, nos finais da década de 1970, ganhou “um novo ímpeto através da formação de grupos homossexuais organizados” (FRY, 1982: 105).

Ainda que os dados aqui discutidos não advenham de um estudo longitudinal e ainda que não se tenham, para comparação, outros inquéritos realizados ao longo dos anos que relacionem estilizações de gênero, indicadores de classe e rejeição/desejo, levantamos a hipótese de que a “modernização do sexo” parece ter acontecido via o acesso à educação superior. Mesmo que esse acesso nem sempre venha acompanhado pela tão sonhada mobilidade social ascendente, de trabalho e de renda, certamente produz substanciais mudanças em visões de mundo e em modos de vida das pessoas.

Nesse contexto, é importante considerar o conjunto de políticas públicas de acesso e manutenção dos jovens pobres no ensino superior, ocorridas na década de 2000 a 2010, o que mudou o perfil racial e de classe nas universidades brasileiras, especialmente nas universidades públicas (PEREIRA, SILVA, 2010). Esse fenômeno pode ajudar a explicar o alto percentual de pessoas existentes na nossa amostra, especialmente jovens, com nível superior (completo e incompleto), mesmo entre os mais pobres.⁸ A educação formal pode ser pensada como um dos principais atualizadores das discussões contemporâneas sobre gênero e sexualidade na sociedade, repercutindo em mudanças subjetivas nos HSHs, relacionadas a desejo e a formação de parcerias.

No entanto, numa sociedade como a brasileira, em que os homens são valorizados eroticamente por serem masculinos, questionamos se apenas a “modernização da sexualidade” – que a escolarização promoveria – seria suficiente para

⁸ Na faixa de renda *per capita* E, dos 60 jovens integrantes da faixa etária entre 18 e 20 anos, 51,57% foram classificados como de escolarização superior. Dos 115 respondentes incluídos na faixa etária entre 21 e 30 anos, 68,70% tinham nível superior completo ou incompleto. Dos 20 respondentes acima dos 31 anos de idade, 40% tinham curso superior.

o deslocamento do desejo das pintosas por parcerias assimétricas. Na nossa interpretação, o fenômeno estaria relacionado à própria economia política do sexo-gênero que, dentre outras coisas, engendra os desejos (RUBIN, 1975; LANCASTER, 1999). Assim, a supervalorização da característica másculo, objeto privilegiado de desejo por aqueles que se autotransferem masculinos/*boys*, tornaria homens masculinos “bens raros” para os homens efeminados e direcionaria a flexibilização do desejo das pintosas, não apenas em direção aos cafuçus, nas bordas da comunidade *gay* (RIOS et al., 2019a;RIOS, PAIVA, BRIGNOL, 2019), como também impulsionaria parcerias afetivo-sexuais pautadas na simetria de estilizações de gênero (pintosa/pintosa).

Entendidos e o troca-troca excludente

Uma leitura menos atenta de Fry (1982) levaria a pensar que, no modelo igualitário, como descrito por ele, as estilizações de gênero não seriam relevantes para a definição das personagens e o estabelecimento de parcerias. Ao invés disso, é possível notar que, nas experiências dos homens escutados por Carmem Dora Guimarães (2004), cujos dados foram utilizados por Fry (1982) para exemplificar a nova identidade de homossexual ou entendido, do mesmo modo que na experiência dos nossos interlocutores, as estilizações corporais, sim, importavam.

Guimarães frisa: “A coabitação não significa para eles um ‘casamento’ e consideram a dicotomia da relação em papéis masculinos e femininos ‘ridícula’, doente e patológica. Os termos ativo e passivo são inaplicáveis aos parceiros, tanto na prática sexual, como na distribuição e desempenho das tarefas caseiras. A ênfase em ‘ser homem’ na realização dessa opção sexual leva a um esforço deliberado para desenvolver padrões de comportamento que são indistinguíveis daqueles dos heterossexuais masculinos” (GUIMARÃES, 1977:116, *apud* FRY, 1982:95).

Na primeira parte da definição de entendido, há explicitamente uma quebra nos pressupostos hierarquizantes do sistema de sexo-gênero, como descritos por Rubin (1975). No entanto, na segunda parte, há uma sujeição à heteronormatividade à brasileira, na medida em que o entendido deve se esforçar para “desenvolver padrões de comportamento” heterossexuais masculinos (ou seja, configurações de gênero compreendidas como masculinidade). Isso sugere uma igualdade excludente, em que não caberiam homens femininos.

A generização da nova identidade assume importância nos debates teóricos e no cotidiano do movimento homossexual brasileiro da década de 1980. Edward MacRae (2018) retrata o debate entre dois expoentes pesquisadores, no seio do Movimento Homossexual da década de 1980, onde a noção de identidade homossexual aparece relacionada às figuras do “gay-macho” e dos “estereótipos efeminados”:

Ao contrário de Perlongher (1987, p. 85), que atribui a adoção de um modelo masculinizante aos adeptos da identidade homossexual, Trevisan (1986, p. 20) considera que foram os defensores do “estar” homossexual que acabaram, indiretamente, compactuando com a moda “gay-macho”, através da qual os homossexuais, basicamente masculinos, passaram a procurar viver dentro dos padrões sociais de normalidade, evitando, às vezes até agressivamente, a proximidade de estereótipos efeminados (MACRAE, 2018:130).

Descrevendo as estilizações de gênero e preferências sobre posições sexuais dos participantes do Somos, importante grupo homossexual paulista da época, MacRae (2018) diz que

(...) suas posturas corporais, movimentos e tom de voz, geralmente eram iguais aos de seus pares heterossexuais. (...) Isto não quer dizer que inexistiam, no Somos, homens que se aproximavam do estereótipo do “efeminado”. Eram as chamadas “bichas pintosas” que, ocasionalmente, reclamavam que estariam sendo discriminadas pelos outros integrantes do grupo. (...) Porém, depois de uma convivência prolongada no grupo “as pintosas” pareciam se tornar mais sóbrias, apesar de não haver nenhuma pressão explícita a empurrá-las neste sentido. (...) Embora alguns (militantes) dissessem preferir ser ativos ou passivos, dentro do Somos dava-se muito valor à variedade, tanto de parceiros quanto de formas de desfrutar os prazeres do sexo. O “machão”, protótipo do ativo, apesar de ser desejado sexualmente por muitos homens do grupo, não era levado a sério e

circulavam histórias sobre homens de apresentação hiper masculina, que, na hora do sexo, pediam para ser penetrados (...) (MACRAE, 2018:207-209).

As descrições de Guimarães (2004) e de MacRae (2018) permitem observar que, longe de deixar de fazer sentido, as categorias de gênero e de sexualidade continuavam operantes, hierarquizando os atores sociais. No caso dos integrantes do Somos, isso ocorria, por exemplo, em relação à direção do desejo (“O machão (...) desejado sexualmente”) e na estilização esperada para se tornar um respeitável militante (“depois de uma convivência prolongada no grupo ‘as pintosas’ pareciam se tornar mais sóbrias”).

Das décadas de 1970 e 1980 aos dias atuais, é possível notar que, nos diferentes segmentos das redes de sociabilidade homossexual, as estilizações corporais são importantes na produção das interações e as configurações de masculinidade, conforme “padrões de comportamento (...) dos heterossexuais masculinos” (Fry, 1982), são as mais valorizadas. Os atributos podem variar – por exemplo, os “brothers”, “discretos”, “fora do meio gay”, “não efeminados” das salas de bate papo (MISKOLCI, 2013), de comunidades e *sites* de busca de parceiro da internet e dos clubes de sexo (BRAZ, 2010); os corpos musculosos para as “barbies” e “bichas-boy” (OLIVEIRA, 2006); os pelos e um certo despojamento entre os *ursos* (RIOS, 2018); o gingado e o suposto tamanho do pênis dos *negões* (SIMÕES, FRANÇA, MACEDO, 2010); a rudeza e heterossexualidade dos *cafuçus* (FRANÇA, 2013; RIOS et al., 2019a); –, mas, ainda assim, permanece o uso do par masculino/feminino para classificar as configurações de atributos de expressão corporal dos homens e valorá-los eroticamente.

Em adição, o estudo sobre xingamento, realizado em Brasília (BAÉRE, ZANELLO, ROMERO, 2015), revela que, assim como no Recife, as categorias pintosa e passivação são as mais utilizadas para destituir a imagem de um HSH (RIOS et al., 2019a). Duas características que têm endereçamento certo nas classificações do sistema

de sexo-gênero, reiterando os valores sobre feminilidade da sociedade abrangente, em que pintosas são objeto de discriminação e são as menos desejadas.

(Os homossexuais falam:) “Ah! Eu não gosto de afeminado!”. Ai, depois tá lá dando o cu (IAR) [intercurso anal receptivo] Sei lá, tipo... [Ai, dar cu é o...] É, sabe, como se fosse... [...a característica do afeminado?!] É! E também existe um sentido pejorativo pra o cara que dá o cu também, sabe? [Como assim?] “Ah! É passivo!”. Tipo, chamar uma bicha de passiva, só passiva, é tipo um xingamento, sabe? [...] A gente brinca falando: “Ai, passiva!”, “Não sei quê, passiva!”. E é como se fosse um xingamento. Porque tem um sentido pejorativo, né? E, aí, tem falando também a ver com a questão do jeito afeminado de ser. Mas, o que seria dos ativos se não fossem os passivos, né, e afeminados, né? (Paulo) (RIOS et al., 2019a:979).

Assim, se há a possibilidade de casais de mesma estilização nas redes de homosociabilidade estudadas, o jogo hierárquico que se cria nos interstícios do modelo simétrico continua reproduzindo o sistema de sexo-gênero mais amplo. Quando interpretamos os nossos resultados em seu conjunto, ou seja, levando em consideração o modo como a sociedade brasileira estigmatiza os HSH (RIOS et al., 2018), o modo como estilizações informam as posições sexuais, como posições e estilizações são hierarquizadas e como a desejabilidade se produz, podemos dizer que o efeito desigualador e opressor do sistema de sexo-gênero permanece operante nas redes de sociabilidade HSHs e afeta de forma mais imediata e violenta os homens femininos.

Considerações finais

Como pudemos destacar, embora a maior parte dos interlocutores seja aberta à passividade e se classifique como versátil, o sistema de sexo-gênero (RUBIN, 1975) tende a reiterar as representações que informam que os másculos são ativos e os efeminados são passivos, independentemente de classe.

As estilizações corporais são importantes reguladores do desejo, mesmo quando o seu produto, em termos de parcerias, são dois homens de mesma estilização de gênero. Nesse aspecto, observamos uma variação relacionada aos indicadores de

classe utilizados para a análise. Homens masculinos são os mais desejados e os femininos os menos desejados. No entanto, observamos que o aumento de escolaridade, aliado à própria economia política do sexo-gênero, possui um efeito positivo na diminuição de rejeição de homens femininos por homens femininos.

De todo modo, convém destacar que, dado os próprios limites de um estudo como o aqui apresentado, alguns elementos de classe não puderam ser plenamente explorados. Como aludimos na metodologia, classe é uma categoria multidimensional que vai além dos aspectos econômicos (trabalho e renda) e educacionais (escolaridade), tomados como indicadores no nosso estudo, com relevo para estilo de vida e *ethos*. Ainda que correlacionado a renda (que dá acesso diferenciado a consumo e locais de lazer) e escolaridade (que modifica visões de mundo) outros elementos precisariam entrar para uma análise mais aprofundada de classe, gênero e desejo. Atualmente estamos investindo na realização de um diálogo mais próximo entre os resultados do inquérito e os de observações e entrevistas, de modo a captar dimensões de classe relacionadas a moradia, divisão das despesas domésticas, acesso a bens, serviços, lazer, políticas públicas e participação comunitária entre outras, em vistas a construir novos indicadores para futuros inquéritos.

Para finalizar, é importante frisar que, embora os binarismos de sexo-gênero e sexualidade marquem as redes de sociabilidade e as subjetividades dos HSHs em estudo, no que se refere às experiências sexuais, no mais das vezes, eles servem apenas como uma espécie de referência para “início de conversa”. De todo modo, ainda assim, eles precisam ser escrutinados, uma vez que pular as referências utilizadas na sociabilidade homossexual e ir direto para os improvisos coreográficos pode impedir de compreender outros aspectos de seus modos de operar e, sobretudo, de oprimir.

Não naturalizar as categorias não significa deixar de mostrar que os binarismos possuem forte efeito na organização subjetiva e nas apercepções sobre os pares. O que precisa ser dito é que o observado não é o necessário; que as opressões identificadas

poderiam não ocorrer. Apontar para os efeitos dos binarismos também não nos impede de desvelar as decalagens entre as representações e as práticas.

Mostrar que as fronteiras que as categorizações criam são sempre porosas e borradas pode ser um importante instrumento contra a opressão. Por exemplo, desalojar a *versatilidade* sexual do seu lugar de reiterar as categorias de sexo-gênero, dando visibilidade aos prazeres sexuais anais, experienciados pela maior parte dos nossos interlocutores, pode ser um promissor caminho para enfrentar os estigmas da *passividade* sexual e da feminilidade, presentes no próprio “meio gay”.

Um bom caminho na luta por dissolver a linha de perigo (RUBIN, 1998) que enlaça corpos, assignados ao nascer como machos humanos, quando performatizam feminilidade, pode ser o de revisitar o passado e aprender com as “bichas loucas” de outrora sobre o uso político do deboche e ironia das performances fechativas e das frases despudoradas, como as da epígrafe deste trabalho (MACRAE, 1982).

Referências

- BAËRE, Felipe; ZANELLO, Valeska; ROMERO, Ana Carolina. Xingamentos entre homossexuais: transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero? **Rev. bioét.**, v. 23, n. 3, p. 623-33, 2015.
- BARATA, Rita Barradas et al. Classe social: conceitos e esquemas operacionais em pesquisa em saúde. **Revista de Saúde Pública**, v. 47, n. 4, p. 647-655, 2013.
- BERLANT, Lauren; WARNER, Michael. Sex in Public. **Critical Inquiry**, v.24, n. 2, p. 547- 566, 1998.
- BEYRER, Chris et al. Global Epidemiology of HIV Infection in Men Who Have Sex with Men. **Lancet**, v. 380, n. 9839, p. 367–377, 2012.
- BRASIL. **Boletim Epidemiológico** - Aids e DST. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. “Mas agora confessa...” Notas sobre clubes de sexo masculinos. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n.4, p.127-156, 2010.
- BRIGNOL, Sandra et al. Vulnerability in the context of HIV and syphilis infection in a population of men who have sex with men (MSM) in Salvador, Bahia State, Brazil. **Cad. Saúde Pública**, v. 31, n. 5, p. 1035-1048, 2015.

- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CARBALLO-DIÉGUEZ, Alex et al. Looking for a tall, dark, macho man ... sexual-role behaviour variations in Latino gay and bisexual men. **Culture, Health & Sexuality**, v. 6, n. 2, p. 159-171, 2004.
- DANGERFIELD, Derek et al. Sexual Positioning Among Men Who Have Sex With Men: A Narrative Review. **Arch Sex Behav**, v. 46, n. 4, p. 869-884, 2017.
- DOWSETT, Gary. Dancing with Daemons: Desire and the Improvisation of Pleasure. In: AGGLETON, Peter; PARKER, Richard. (Ed.) **Routledge Handbook of Sexuality, Health and Rights**. New York: Routledge, p. 264-270, 2010.
- FRANÇA, Isadora Lins. “Frango com frango é coisa de paulista”: erotismo, deslocamentos e homossexualidade entre Recife e São Paulo. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. n.14, p.13.39, ago. 2013.
- FRY, Peter. Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro, Garamond, 2004 [1977].
- HUSBANDS, Winston et al. Black Gaymen as Sexual Subjects: Race, Racialisation and the Social Relations of Sex among Black Gay Men in Toronto. **Culture, Health & Sexuality**, v. 15, n. 4, p. 434-449, 2013.
- KERR, Ligia et al. HIV Prevalence among Men Who Have Sex with Men in Brazil: Results of the 2nd National Survey Using Respondent-driven Sampling. **Medicine**, n. 97, v. 1S, p. S9-S15, 2018.
- KULICK, Don. **Travesti: Sex, Gender and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes**. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1998.
- LANCASTER, Roger. “That we should all turn queer?”: homosexual stigma in the making of manhood and the breaking of a revolution in Nicaragua. In: PARKER, R., AGGLETON, Peter (Org.) **Culture, society and sexuality: a reader**. London: UCL, p. 97-115, 1999.
- LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2002 [1947].
- MACRAE, Edward. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: EULÁLIO, A. (Org.). **Caminhos Cruzados: linguagem, antropologia, ciências naturais**. São Paulo: Brasiliense, p. 99-111, 1982.
- MACRAE, Edward. **A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”**. Salvador: Edufba, 2018 [1990].
- MENG, Xiaojun et al. Relative Risk for HIV Infection among Men Who Have Sex with Men Engaging in Different Roles in Anal Sex: A Systematic Review and Meta-analysis on Global Data. **AIDS Behav**, v. 19, n. 05, p. 882-889, 2015.
- MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 301-324, abr. 2013 .
- MITCHELL, Gregory. **Tourist Attractions: Performing Race & Masculinity in Brazil’s Sexual Economy**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 2016.
- MONTEIRO, Simone et al. Identidades, trânsitos e diversidade sexual em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro (Brasil). **Cad. Pagu**, 35, p. 79-109, 2010.
- OLIVEIRA, Leandro. **Gestos que pesam: performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares**. 2006. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual de Rio de Janeiro, 2006.
- PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.
- PARKER, Richard. **Abaixo do Equador - culturas do desejo: Homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PASCOM, Ana; ARRUDA, Marcela; SIMÃO, Mariângela (Org.) **Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira de 15 a 64 anos 2008**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

PEREIRA, Thiago Ingrassia; SILVA, Luís Fernando. As políticas públicas do ensino superior no governo Lula: expansão ou democratização? **REVISTA DEBATES**, Porto Alegre, v.4, n.2, jul.-dez., p. 10-31, 2010.

RAXACH, Juan et al. **Práticas sexuais e conscientização sobre AIDS**: uma pesquisa sobre o comportamento homossexual e bissexual. Rio de Janeiro: ABIA, 2007.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. Quatro décadas de mobilidade social no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 3, p. 641-679, 2012.

RIOS, Luís Felipe. Corpos e prazeres nos circuitos de homosociabilidade masculina do Centro do Rio de Janeiro, **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 2, p. 465-475, 2008.

RIOS, Luís Felipe. “Paizões”, “filhotes” e a “simbiose do amor”: regulações de gênero entre homens frequentadores da comunidade dos “ursos” no Recife (Brasil), **Etnográfica**, v. 22, n. 2, p. 281-302, 2018.

RIOS, Luís Felipe et al. ‘Foi como se a gente tivesse visto a morte’: estigmatização, sofrimento psíquico e homossexualidade. **Laplage em Revista**, v. 4, p. 140-158, 2018.

RIOS, Luís Felipe et al. Posições sexuais, estilos corporais e risco para o HIV entre homens que fazem sexo com homens no Recife (Brasil). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 973-982, 2019a.

RIOS, Luís Felipe et al. O drama do sexo desprotegido: estilizações corporais e emoções na gestão de risco para HIV entre homens que fazem sexo com homens. **Sex., Salud Soc.**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 65-89, 2019b.

RIOS, Luís Felipe; PAIVA, Vera; BRIGNOL, Sandra. Passivos, ativos and versáteis: men who have sex with men, sexual positions and vulnerability to HIV infection in the Northeast of Brazil. **Culture Health & Sexuality**, v. 21, p. 510-525, 2019.

RUBIN, Gayle. The traffic in women: Notes on the political economy of sex. In: REITER, Rayna (ed.). **Toward an Anthropology of Women**. New York: Monthly Review, p. 157-210, 1975.

RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: NARDI, Peter; SCHNEIDER, Beth (orgs.), **Social Perspectives in Lesbian and Gay Studies: A Reader**. Londres, Routledge, p. 143-178, 1998.

SEDGWICK, Eve. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu** n. 28, p. 19-54, janeiro-junho de 2007.

SIMÕES, Júlio; FRANÇA, Isadora; MACEDO, Márcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. **Cadernos Pagu**, n. 35, p. 37-78, 2010.

SOUZA NETO, Eptácio; RIOS, Luís Felipe. Apontamentos para uma economia política do cu entre trabalhadores sexuais. **Psicologia & Sociedade** (online), v. 27, p. 579-586, 2015.

THE GLOBAL FORUM ON MSM. **Serosorting and Strategic Positioning**. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/w6jBQ8>>. [Acesso em 09/11/2014].

VALENTE, Thomas. **Social networks and health: Models, methods, and applications**. Oxford: Oxford University Press, 2010.



From hierarchy to equality? Sexual partnerships, gender stylizations and social classes between men with homosexual practices

Abstract: The text discusses the articulations between gender stylizations, sexual positions, social classes and sexual partnerships between men who have sex with men (MSM), through a behavioral survey, applied to 380 MSM in the Metropolitan Region of Recife. The relationship between stylizations and positions is statistically significant and updates the masculinity/*ativo* (insertive anal sex) and femininity/*passivo* (receptive anal sex) hierarchical model. Despite this, 83.3% of respondents are versatile (insertive and receptive anal sex), which opens up more possibilities for pleasurable sexual partnerships, unregulated from the hierarchical model. There is six times more rejection by respondents to the effeminate characteristic than to the masculine characteristic. There is a predominance of desire for symmetrical partnerships (masculine/masculine and effeminate/effeminate), statistically associated with schooling. In addition, the erotic discredit of effeminate men is a driver of symmetry, suggesting the existence of a gender hierarchy in the configuration of equality.

Keywords: Men. Homosexuality. Gender stylizations. Sexual positions. Social class.

Recebido: 22/04/2021

Aceito: 18/08/2021